

Maestro ainda está engasgado na garganta

Luis Tajés 19.10.88

A permanência de Marlos Nobre à frente da Fundação Cultural e a indicação da professora Laís Aderne para a Secretaria de Cultura transformaram o meio artístico brasileiro numa bolsa de apostas digna da morte de Odete Roitman no Vale Tudo global. Novela também é cultura? Ou seria melhor perguntarmos se cultura também é novela?

Não houve quem questionasse a validade do nome de Laís Aderne para a Secretaria. Ela é uma pessoa de tato político, de bagagem cultural inquestionável, desempenhou com dignidade e competência a tarefa de coordenadora do Grupo de Trabalho da Cultura instalado pelo GDF e é, antes de tudo, uma batalhadora consciente do que são boas intenções e do que são boas realizações. De qualquer maneira, quando o governador (na tarde de anteontem) ainda esforçava-se diante da imprensa para lembrar com precisão o nome de sua escolhida (Roriz é assim mesmo, às vezes flutuante e quase sempre de relacionamento difícil com a palavra quando é hora de discursar); bom, quando no Palácio do Buriti nada ainda era certo ou confirmado, as primeiras reações foram de surpresa não pela escolha do governador, mas pela aceitação de Laís ao convite.

O ator Carlos Augusto lembrava que era preciso divulgar uma reunião que no dia 9, segunda-feira, às 20h00 na Casa de Cultura da América Latina (Ed. Anápolis — SCS) pretende avaliar o processo de escolha. Considere-se divulgado.

Eduardo Cabral, presidente da Associação dos Artistas Plásticos de Brasília e membro do GT, via com bons olhos o nome de Laís, mas não esquecia que ela própria compôs o grupo de descontentes nos repetidos repúdios a qualquer composição com o maestro Marlos Nobre.

Tomada de surpresa, a professora Maria Duarte (UnB), também integrante do GT, sentenciou: "Ainda mais surpreendente que a permanência de Marlos é a aceitação de Laís. Todos sabemos que ela é uma excelente pessoa, que tem todas as condições de realizar o melhor dos trabalhos à frente da Secretaria, mas a princípio acredito que ninguém deveria aceitar qualquer composição quando Marlos Nobre continua em seu cargo. Este era afinal, um ponto ratificado pelo documento do Grupo de Trabalho e por todas as assembleias da classe. Sinto-me de certa forma frustrada; trabalhamos naquele GT em prejuízo de nossas atividades pessoais, elaboramos um documento cuidadoso e profundo, e mo-



Nobre: salvo pela agenda?

bilizamos a classe não para indicar nomes, mas para antes de tudo tirar o maestro da Fundação Cultural e repensar a cultura da cidade. A segunda parte está no documento e sei que Laís lutará para torná-lo um guia prático e ideológico; mas não há como negar que a presença do maestro é um obstáculo, e sua saída uma exigência radical da comunidade".

Outra pessoa que expressou o mesmo sentimento de frustração e até de perda de tempo por ter participado do GT da Cultura é o ator Guilherme Reis. Mas sua opinião foi expressada logo após a confirmação de Marlos Nobre para a Fundação Cultural, antes, portanto, da decisão seguinte, a nomeação de Laís para a Secretaria.

Apostas

O dado mais curioso do curso consequente às decisões de Roriz voltou a se concentrar, entretanto, na atitude do maestro Marlos Nobre. Diante da grandiosa agenda (publicada nos últimos dias pelos jornais locais e de outras praças) que o maestro tem pela frente no Brasil e no exterior em 1989, as apostas de que Marlos vai virar a situação e em poucos dias abandonar o barco aumentaram. Tem muita gente acreditando que, no final da novela, o vilão vai querer apenas demonstrar poder: uma vez confirmado para o cargo, o abandona em função de compromissos e ainda "esnoba" a agenda internacional.

Antes de ser uma hipótese viável ou não, a aposta é um reflexo nítido (mais um) do tipo de crédito que o maestro tem diante dos produtores de cultura da cidade. (G.V.)